

ENTREVISTA

Queria fazer filmes de terror, mas tornou-se mestre em dramas como *A Herdade*, visto por 4 milhões, ou *Restos do Vento*, que disputou a Palma de Ouro em Cannes e chega às salas no dia 22.

Por Rita Bertrand (texto) e Sérgio Lemos (fotos)

TIAGO GUEDES

“Com os filmes, tento perceber a violência”

Desde 2006, quando estreou *Juventude* em Mar-cha, de Pedro Costa, que nenhum filme português era selecionado para a competição oficial do Festival de Cannes. *Restos do Vento*, o novo drama sobre violência e masculinidade tóxica do autor de *A Herdade*, que entre cinemas, streaming e televisão, teve 4 milhões de espetadores, e da série *Glória*, rodada para a Netflix, conseguiu-o – e foi coroado com forte aplauso crítico. Em vésperas de chegar aos cinemas nacionais, falámos com o realizador no cinema Nimas, em Lisboa.

Tanto *A Herdade* como *Glória* e *Restos do Vento* passam-se em locais circunscritos. São microcosmos para mostrar o mundo, do particular para o geral?

Não existe essa intenção clara: é essa zona mais particular que me interessa. Mas acho que ajuda fazermos uma reflexão sobre essa

F “Estão ali as praxes, rituais de iniciação e esse tipo de lógica que é, muitas vezes, levado a um extremo”



Caretos

Estão em *Restos do Vento*, mas não são os reais: “Não quis criticar uma tradição específica. O filme não é sobre isso.”

zona, que é bastante comparável a tudo. Vamos avaliando as personagens e, a partir daí, derivamos para o geral. Mas foi intuitivo e não intencional: gosto dos espaços pequenos, das famílias, das coisas internas, que nos permitem ver as pessoas por dentro.

A ideia é fazer um retrato social?

Neste caso não é o objetivo. Acaba por tocar aí, porque, ao falarmos do passado, de tradições, falamos de uma forma de cultura e de ver o mundo que pode ter intoxicado o desenvolvimento das pessoas e que é preciso repensar. Há uma crítica implícita, mas não é ao lugar pequeno, à aldeia. A questão é que, nessas comunidades pequenas, conseguimos perceber melhor estas questões. No *Restos do Vento*, queria essencialmente falar sobre a forma como a sociedade não permite a diferença. O ponto de partida é um caso real, que depois desenvolvi com o Tiago Rodrigues.

Mas não foi como *Tristeza e Alegria na Vida das Girafas*, que também tinha argumento dele...

Aí, era uma peça dele, que adorei e quis adaptar, já existia uma base. Aqui foi ao contrário, mas o processo já tem anos, o Tiago super ocupado de agora, diretor do Festival de Avignon, provavelmente não teria disponibilidade, mas eu conheci-o como argumentista, quando escreveu *Noite Sangrenta*, que eu realizei com o Frederico Serra.

Partiram da história real de um jovem agredido, que fica marcado para toda a vida. Já era no contexto de uma tradição de aldeia, com caretos?

Não, isso foi escrito por nós. Quisemos inventar uma tradição por achar que muitas das que existem assentam em valores que se calhar não são as melhores do ponto de vista educacional. Estão ali as praxes e todo o tipo de rituais de iniciação, esse tipo de lógica que é, muitas ve-

zes, levado a um extremo perigoso. O episódio da agressão a um jovem, que lhe provocou essa diferença para o resto da vida, serviu para pensar sobre a violência, que desde sempre me fascina, mas pelo oposto, por não a compreender. Com os filmes, tento percebê-la.

É sempre masculina, não é?

É o patriarcado, a toxicidade masculina, tudo isso que está na nossa educação, católica e antiga.

Pode dizer-se, então, que o seu cinema é feminista, político?

Não tenho essa intenção, mas de facto incomoda-me o desequilíbrio, não só entre sexos: tem a ver com as diferenças todas. Gostava muito que vivéssemos num mundo igualitário, o que não acontece.

É importante o cinema denunciá-lo?

Para mim, sim, não sei se é o cinema. Para mim, é importante de al-

guma forma tocar esses assuntos, que me preocupam e que impedem um mundo mais justo.

O Albano Jerónimo volta a ser protagonista, tem sempre atores “repetidos”. Como é que chega aos elencos?

Desde que comecei a filmar e a fazer teatro conheci muitos atores com quem fui criando afinidades e relações. Portanto, já acontece estar a escrever com uma pessoa na cabeça, mas também faço castings normais, para pessoas novas: fi-lo para *A Herdade*. Já nas *Girafas* o casting estava praticamente decidido porque eu peguei nas personagens que vinham da peça, o Miguel Borges e o Tónan Quito...

A miúda é que resolveu levar de casa, não foi?

Foi um acaso. Quando decidi adaptar a peça, a minha filha era muito pequenina, mas aquilo demorou e quando resolvi que não esperava

A No novo *Restos do Vento*, Tiago Guedes reúne hábitos dos seus filhos: Albano Jerónimo, Nuno Lopes e Isabel Abreu

mais e parti, quase sem dinheiro, para a rodagem, já estava na idade certa. Percebi que ela gostava de todo o processo de fazer, está muito habituada a filmagens e bate texto com a mãe [a atriz Isabel Abreu] a toda a hora, então lancei-lhe o desafio e acabou por ser uma das grandes forças do filme. Foi super profissional.

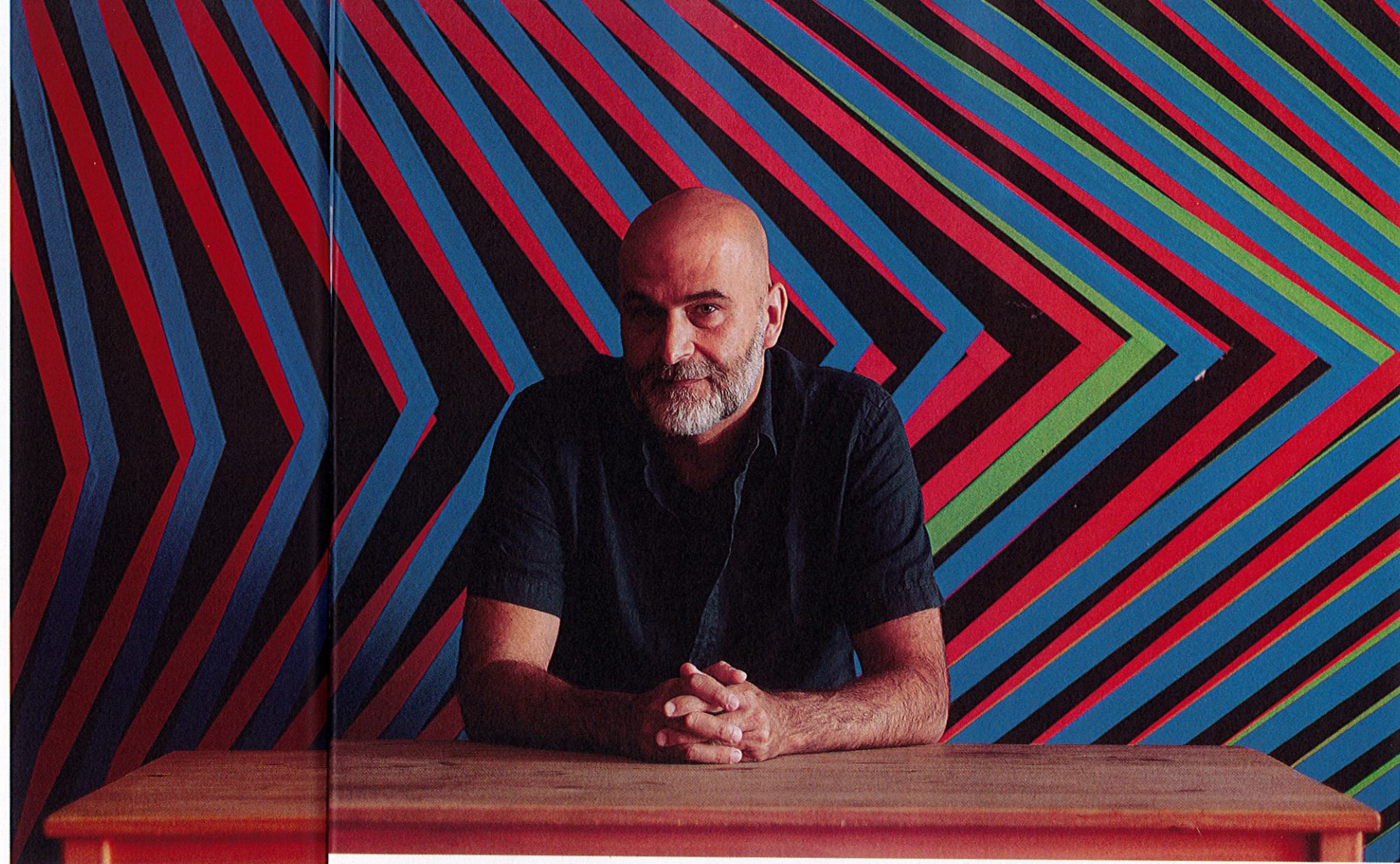
Ela [Maria, 16 anos] vai ser artista e o irmão [Tiago, 19] não?

Ele também é muito artista, mas quer a independência, não sei. Tem tempo, fez agora o 12.º ano.

Diz-se que não se deve misturar a família com o trabalho. Pelos vistos, discorda. Também já filiou argumentos do seu irmão, Rodrigo Guedes de Carvalho, e chama a mulher para os filmes...

Bom, eu conheci a Isabel no palco, a fazer um casting. Conheci primeiro a atriz, só depois a mulher. Em termos profissionais, ela é uma

F “Só conseguíamos ter mais meios se o nosso mercado se expandisse e se internacionalizasse”



Escolha que tem a ver com a sua qualidade enquanto atriz, não com estarmos juntos. Já fiz muita coisa sem ela, e também com ela.

Quando se fala em cinema português, dá sempre a ideia que têm de fazer o mesmo com menos meios. É um mito?

É uma realidade absoluta. Tem a ver com a nossa dimensão e com o pouco que investimos na cultura.

É um problema do Estado, que não apoia o suficiente?

Não. O mercado é mesmo pequeno. Só conseguiríamos ter mais meios se o nosso mercado se expandisse e se internacionalizasse.

Estar na HBO ou na Netflix não é um passo para isso?

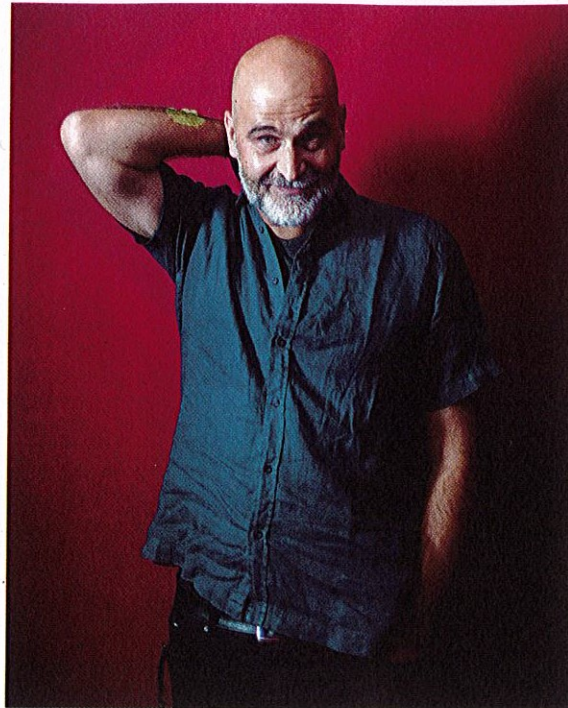
Depende. Uma coisa é ter lá os nossos filmes: é um negócio, uma espécie de aluguer por determinado tempo naquele espaço. Outra coisa é uma produção original de uma dessas plataformas, como foi *Glória*. É diferente. Aí já é um investimento internacional, que vem, extra à nossa realidade. Aí devia entrar mais dinheiro.

Devia? Mas não entra?

Temos mais meios, sim, mas depois há outra coisa: o produto vai para uma montra em que está lado a lado com as grandes produções mundiais. O nível de qualidade, e nem é artística, mas técnica, sobe a fasquia e, conseqüentemente, o orçamento. Portanto, no início parece que temos fortuna, mas não. Dou o exemplo dos direitos musicais: uma coisa é consegui-los para o mercado português, para um a dois anos. Outra é estar no mercado mundial para sempre. Na *Glória*, escolhi as músicas em parceria com o António Porém Pires, que fez o *sound design*, mas a maioria bateu na trave: não tínhamos orçamento para as pagar. As que conseguimos, pagamo-las bem. É uma luta.

Ao ver produto acabado, sente-se satisfeito?

Pelo contrário, a insatisfação está lá sempre. Mas passa o tempo e consi-



▲ Fez a primeira longa, *Alta Fidelidade*, aos 29 anos, com Frederico Serra, com quem, aos 51, mantém a produtora Take It Easy



Moby Dick

O filme de John Huston foi o primeiro que o fascinou. "Vi-o com o meu avô, em miúdo, e pensei: que forma épica de contar histórias!"

go adquirir distância e se por acaso me cruzar com o objeto, na televisão, por exemplo, acontece-me pensar que até está certo, envelheceu bem. Mas nunca é logo a seguir. Passamos tanto tempo na pós-produção, a rever e a discutir e a decidir, que estamos demasiado dentro daquilo para conseguirmos ver.

Começou na publicidade. Qual era a sua ideia?

Era ser realizador. Na altura tinham aparecido o Ridley Scott e o David Fincher, vindos da publicidade, e achei que seria mais fácil. Só comecei a filmar em 1999-2000, tinha quase 30 anos. Não comecei novo, aos 22, como começam agora, tive um percurso como *copywriter*, mas queria era fazer cinema.

Que tipo de cinema?

Tinha algumas paixões conscientes. Primeiro, o cinema dos irmãos Coen, pela diversidade, que é uma coisa que sempre me entusiasmou. Gosto da experimentação, de não me repetir. Agora vai acontecendo voltar a um tipo de histórias, mas sempre gostei da diversidade. E cresci com o cinema americano, na televisão, e com o Fantásporto, que

era um grande evento no Porto, onde vivia, e me fez querer muito fazer filmes de terror. Agora já não, mas tive a minha incursão, no *Coisa Ruim*, um terror que não é o do sangue, mas psicológico, que não se vê.

Ao competir no Festival de Cannes, sentiu-se importante?

Senti-me embaraçado, com *dress codes* e isso, mas sei que é bom para o filme chegar mais longe, no sentido de ser mais visto. De qualquer modo, para mim as competições não fazem sentido. Os filmes são coisas singulares, não nascem para competir. Não é como uma corrida de 100 metros, com todos a correr a mesma distância.

A seguir, para variar, vai fazer uma comédia?

Não, mas se fizesse seria ao estilo das *Girafas*: comédia com tragédia no meio, como a vida.

Ainda não encontrou um argumento com graça?

Pois, essa ideia americana de que nos dão muitos guiões para ler não existe. Há falta de autores: temos excelentes escritores, mas um bom escritor não dá um bom argumentista. Era preciso uma escola.

Andamos a brincar à indústria?

Não temos mercado para ter uma indústria que se pague, a nossa "indústria" está dependente do ICA, é uma indústria relativa, não é comercial pura e dura, pois tem apoio. Mas também tem sido esse cinema dos festivais, mais autoral, que nos tem dado nome e algum estatuto internacional. Aliás, muitos autores lá fora invejam a liberdade que temos, porque quando há grande investimento, passamos da expressão artística para a zona do negócio, e lá se vai o autoral.

O que é muito público para um filme nacional? 100 mil?

No cinema, 100 mil é ótimo. Mas vemos os números de *Glória* ou de *A Herdade*, na televisão, em França, e são milhões... Levar as pessoas à sala é que está difícil, não sei como se vai dar a volta a isto. □